

## *In memoriam*

<https://doi.org/10.5628/rpcd.05.03.373>

Os amigos morrem sempre muito cedo, antes do tempo. Mas a partida do Prof. Doutor Antônio Carlos Stringhini Guimarães, do muito querido e fraterno Guima, constitui a mais bárbara traição. Não podia ser assim. Não podia acontecer num tempo de sementeira e de colheita dos frutos doces da fraternidade, do sonho, do entusiasmo transbordante e da felicidade contagiante. É tudo muito duro e injusto, confirmando que uns têm a sina de semear e sonhar a vida e outros de a colher.

Na noite do dia 21 de Outubro, durante o jantar com o Magnífico Reitor da UFRGS e os colegas Cícero Moraes e Marcelo Cardoso (da ESEF-UFRGS), eu e o António Marques falámos com ele pelo telefone. O Sr. Reitor, que também falou com ele, estava muito satisfeito com a visita à UP e cheio de projectos de cooperação para o futuro imediato; e teve palavras de muito apreço para com o seu Pró-Reitor, Prof. Doutor Antônio Guimarães, que tinha sido o obreiro da sua vinda. Assim eu quis associá-lo ao jantar e tornar este ainda mais cordial e, por isso, liguei para ele. Trocámos palavras de amizade sentida e de fraternidade vivida; falámos de todos nós, das nossas instituições, das nossas famílias e dos dias que estavam para vir. Alegrámo-nos com os próximos encontros em Porto Alegre (fins de Novembro) e no Porto

(Março de 2006), tendo eu exigido a presença dele na cerimónia comemorativa dos 30 anos da nossa Faculdade, a celebrar no final de Janeiro. Tudo foi selado com o calor e a cumplicidade estabelecida entre pessoas que muito se querem, apreciam e respeitam. Fomos dormir satisfeitos e confiantes. No dia 22 fui atingido pela comoção com que o Prof. Doutor Adroaldo Gaya deu a notícia funesta. Foi com profunda dor e imenso constrangimento que a transmiti aos colegas da Faculdade. Todos ficaram como se um abalo sísmico tivesse revolto as nossas vidas. À sensação de incredulidade juntou-se a percepção da perda irreparável, do vazio aterrador, da falta incomensurável. Não voltaremos a falar com o Guima, não voltaremos a vê-lo, não voltaremos a desfrutar da sua conduta finíssima, do seu conselho avisado e da sua visão lúcida e esclarecida; não voltaremos a saborear a sua presença generosa e a ouvi-lo cantar naqueles jantares em que celebrávamos o privilégio e encanto de sermos amigos. Porém ele permanecerá no meio de nós, na nossa lembrança e no nosso coração. Dele ficam a memória respeitosa e a saudade infinda que alumia como um clarão o seu nome e o nosso caminho.

**Jorge Olímpio Bento**

## Minha tristeza

Meu amigo!

Desfez-se o encanto  
Como uma tempestade tropical  
Devastadora. Furiosa. Assustadora.  
Vimos as chuvas borrarem os versos que escrevemos  
Poemas que cantamos ao longo de quase 40 anos.  
Quarenta anos de um amor fraterno, cúmplice e solitário.  
Os ventos arrancaram as árvores pelas raízes.  
Como tua ausência arranca de meu peito um quinhão imenso de alegria.  
Nunca mais serei o mesmo sem tua presença, meu irmão.  
Um terramoto.  
Sim! A terra tremeu sob meus pés.  
Caí prostrado pela tristeza da tua partida.  
Como um terramoto.  
Tudo muito rápido, nos deixando atônitos e desnor-teados.

Fomos literalmente atropelados pela morte.  
Como cantar sem tua companhia?  
Como fazer a segunda voz se a primeira se calou?  
Como tocar em dó maior nossas alegrias  
Se, hoje, o dó maior é marcado sobre a pauta  
Pelas lágrimas da minha saudade.  
Como lembrar nossa caminhada pelas terras de Portugal?  
Como agradecer -te por ter me auxiliado a construir uma ponte  
Entre o Porto Alegre e o Porto Sentido?  
Como brindar o Vinho do Porto sem teu cálice?  
Como reunir os amigos de Sampa sem chorar tua ausência?  
Como seguir o caminho?

Meu amigo!

Você sempre termina por aprontar algo,  
Está sempre a pregar -nos uma peça  
Mas tudo deve ter algum limite!  
E desta vez você foi longe demais.  
Como me lembrou um nosso professor e amigo comum,  
Você “furou a fila”!  
Não era sua vez. Com 53 anos! Não poderia ser sua hora.  
Olhe o que você aprontou? Estou muito triste com tudo isso.  
Por favor! Não me venham consolar com palavras vazias.  
Do tipo: Deus quis assim! É a vida! O tempo apaga a dor!  
Por favor, não me consolem com uma qualquer teologia ridícula.  
Com uma qualquer filosofia menor. Respeitem minha dor!  
Respeitem nossa inteligência e nossas convicções.  
Basta um sorriso, um abraço amigo, um aperto de mão e um beijo.  
Sei que as minhas lágrimas serão companheiras nesta dor imposta pela tua ausência.  
Sei que minhas lágrimas vão consolar -me e me trazerão de volta a serenidade.  
Mas eu quero chorar tua partida.  
Deixar minha alma purgar esta angústia e esta ansiedade.  
Ora! Meu irmão, você aprontou de novo  
Você furou a fila.  
Será muito difícil perdoar teu abandono.  
Saudade! Eterna saudade. Sofrida saudade.

Do teu amigo  
**Adroaldo Gaya**

## Salve, Guima!

Querido Amigo, os sentimentos de profunda dor e inmensurável saudade acompanham-nos desde a sua trágica partida! Entretanto, gostaria de propagar e preservar a imagem do amigo do peito que foi sábio nos ensinamentos, profundo nas reflexões, bem humorado no convívio, sincero e fiel para com tudo e com todos, enfim, ávido pela vida bem vivida. O Guima, sempre comprometido e dedicado pelo declarado amor à família e aos amigos, foi um *nobre*, um verdadeiro *gentleman* que nos ensinou o significado da fraternidade, contagiando e servindo de exemplo a todos nós.

Que sua lembrança e lição de vida sejam permanentemente motivos de orgulho para todos que desfrutaram a felicidade e o privilégio de com ele partilhar a alegria de viver. Guardo a imagem do filho brincalhão mas exemplar, do pai responsável, do marido amoroso, do professor respeitado, do orientador competente, enfim do amigo insubstituível. Sabemos muito bem que não estou exagerando ao

assegurar tratar-se de um grande brasileiro, pela importância e notoriedade da obra que nos deixa no domínio do conhecimento científico onde sempre atuou. O Guima honrou e elevou a classe, dignificando a academia de forma absolutamente marcante e tornando-se hoje o maior legado e referência para a biomecânica brasileira.

Sua contribuição ecoa e está muito presente entre nós e, creio, consolidou-se de tal forma, que jamais irá se apagar de nossas vidas. Atribuo ao querido amigo Guima a conquista do dever cumprido, da missão levada a sério e, naturalmente, do justo reconhecimento a quem sempre mereceu, apesar da incompreensível brutalidade que lhe tirou a vida. Querido Guima, rendo-lhe minhas preces e, muito humildemente, minha derradeira homenagem, com a certeza de que Deus lhe reservou a melhor acolhida para uma feliz vida eterna! Do seu amigo para sempre!

**Alberto Carlos Amadio**

O que posso dizer sobre o Guima? Ou melhor, por onde começar? Um bom homem? Um grande amigo? Um ótimo caráter? Os adjetivos não faltam para descrevê-lo. Eu, que convivi com ele por 35 anos através de uma amizade fraterna, poderia dizer muitas coisas sobre sua vida. Mas uma das coisas importantes que nos uniu foi o ideal de fazermos da ESEF uma das melhores escolas de educação física do Brasil, ideal este que seguiremos perseguindo sem dúvida. Penso que esta é uma das maiores homenagens que poderemos fazer a ele. Mas o Guima tinha um lado “moleque”, brincalhão, musical e meio artista. Nos divertíamos muito com suas

brincadeiras. Ele gostava de “aprontar”. Cantava músicas sertanejas, fazia interpretações, os olhos de ceguinho e tocava um pouco de violão. Era uma pessoa boa de se conviver.

Vamos sentir sua falta, mas sempre nos confortaremos porque temos somente coisas boas para pensar dele. Além disso, continuaremos com os dois amigos, Denise e Carlos, que são uma parte de sua vida, deixada para que possamos tê-lo vivo entre nós.

Ricardo ou “Gordo” como ele me chamava.

**Ricardo Petersen**

## Para sempre

Estou há horas tentando esboçar as primeiras palavras sobre Antônio Carlos Stringhini Guimarães, o Guima, como carinhosamente nós o chamávamos. Confesso que está muito difícil. Não sei por onde começar. Possivelmente porque está duro demais aceitar a realidade. Toda vez que penso nele surge à minha mente um Guima sorridente, animado, cheio de vida, dizendo “vem cá tchê” para em seguida me fazer uma pergunta intrigante, uma colocação inteligente, uma afirmação contundente, uma sugestão confortante ou contar uma estória interessante. Está difícil. Vou tentar colocar no papel o que o coração está me dizendo para escrever. Não sei se vou conseguir.

A vida é feita de encontros. O que foi conhecer e conviver com o Guima? O que isso significou para mim? Certamente, não foi apenas conhecer o Guima profissional competente, pesquisador respeitado, professor comprometido ou dirigente perspicaz. Foi, sobretudo, conhecer e conviver com o Guima pessoa educa-

da, elegante, culta, respeitosa, responsável, sincera, honesta, um *gentleman* no sentido mais elevado da palavra. Sempre de alto astral, olhando para frente, otimista, bem humorada, agradável, que via algo positivo mesmo nas adversidades ou nas experiências amargas. O Guima que valorizava a família antes de mais nada, cultivava a amizade como ninguém - sempre contava as peripécias em Garopaba com o Adroaldo, o Ricardo e familiares - e falava apaixonadamente do seu hobby, o *triathlon*. Só posso concluir uma coisa: foi um enorme privilégio ter conhecido e convivido com uma pessoa tão especial. Guardarei para sempre no meu coração esse grande companheiro e amigo que se foi precocemente, deixando um enorme buraco na alma que procurarei preencher com a imagem que está em minha mente, neste momento. A mesma de sempre e para sempre.

**Go Tani**

Esta Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento recebeu, com profunda tristeza, a notícia da morte do estimado Professor Guimarães, carinhosamente chamado de GUIMA, Pró-Reitor da UFRGS, profissional que tanto admirávamos, pelo seu notório saber no campo da Educação Física, pessoa dotada de conhecimentos da mais alta qualidade, um verdadeiro defensor de teses voltadas para o aprimoramento do Esporte Brasileiro, dentre tantas outras agradáveis virtudes.

Parceiro de primeira hora, o GUIMA trazia em sua bagagem ideais que guardavam estreita afinidade com os propósitos buscados pela Rede CENESP, tendo sido um importante colaborador, sempre

comedido em suas ponderações, e demonstrando com fidalguia e sinceridade seu amor ao esporte e, em especial, ao pedal, não tendo medido esforços para que a administração do esporte brasileiro venha a ser motivo de orgulho e tenha lugar de destaque no organograma da Administração Pública de nosso País.

A beleza da imagem de sua vida e os ensinamentos deixados pelo GUIMA certamente permanecerão para sempre entre nós da SNEAR e todos os demais colegas de trabalho.

**André Almeida Cunha Arantes**

*(Secretário Nacional de Esporte de Alto Rendimento)*

## Um fim de manhã de Outono

Folhas caídas sobre a relva, amarelecidas. O aconchego do Sol que vai chegando pela janela.  
*Joggers* de fim de semana, na estrada ao longo do porto, correm com o rio para o mar. Sulcos de barcos na água, as sirenes dos navios, as partidas e as chegadas. O mar. O chilreio estridente das gaiotas. Sábado é dia de pausa. Tempo de renovação das rotinas de todos os dias. Intervalo para o descanso. Para a leitura demorada dos jornais, o convívio com a família, o encontro com os amigos, um bom vinho. Para celebrar a vida e trazer calor à alma.  
Outono. Tempo de colheitas, de canto, de festa, de repouso. O esplendor da natureza e a prodigalidade da vida em andamentos de Vivaldi.  
O optimismo, a esperança.

Num ápice, num segundo, o torpor, o estupor, o pesadelo. Um telefonema, três palavras mal escondendo a comoção, a notícia. Violenta.  
Raras vezes experimentei um vazio e uma angústia tão profundos. E a impotência.  
Educados a pensar que o sonho comanda a vida e que não há sonhos impossíveis, que não há obstáculos nem limites ao querer, à inteligência, à coragem, ao compromisso solidário, sentimo-nos abandonados. Desarmados. Resignados a aceitar que estamos todos, afinal, à mercê dos caprichos da fortuna e dos sortilégios dos deuses.  
Na ânsia de parar o tempo, de fazê-lo voltar para trás, fragilizados, agarramo-nos a tudo. Ao último telefonema, às fotos do derradeiro encontro, à ilusão de que tudo não passe de um sonho mau.  
Procurando, em desespero, dar de novo vida aos sons, às imagens, aos sinais que nos impelem para a vida. A momentos que não voltam. Num esforço tão inglório como irreal, de vulnerabilidade humana.  
O desalento, a desesperança, um grito do fundo da alma.

Faltam-me as palavras justas, os vocábulos precisos. Que descrevam com nobreza e com rigor o companheiro, o pai, o amigo, que se foi. Que inspirem os momentos em que sobre ele falarei. À família, aos amigos, aos companheiros, aos colegas, aos mais jovens. Sobretudo àqueles que nunca serão seus alunos. A todos os que já não terão o privilégio de o encontrar.

Palavras que digam alto a serenidade, de quem teve uma vida cheia e inteira, o humor, o amor, o respeito pelos outros. Que falem da inteligência, da cultura, da força realizadora. Que enalteçam o exemplo imprescindível.

Foi-se mais um dos bons. 53 anos de uma passagem, fugaz, pela vida. Tantos sonhos e esperanças por cumprir. E um vazio infinito, insubstituível, doloroso, na casa a que já não volta.

Não se resiste sozinho a tanta adversidade.

Precisamos do apoio de alguém e da solidariedade de todos durante as agruras da vida.

Busco ajuda em Mozart, ponho o *requiem*, comungo a espiritualidade. Choro o companheiro ausente.

Lembro a Denise e o Carlos em duas lágrimas furtivas e volto a Jorge de Sena na sua “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”:

*Não sei meus filhos que mundo será o vosso.*

*É possível, porque tudo é possível, que ele seja aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo, onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém de nada haver que não seja simples e natural.*

*Um mundo em que tudo seja permitido,*

*conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer, o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por vós.*

*E é possível que não seja isto, nem seja sequer isto o que vos interesse para viver.*

(...)

*Acreditaí que nenhum mundo, que nada nem ninguém vale mais do que uma vida ou a alegria de tê-la.*

*É isto o que mais importa – essa alegria.  
Acreditai que a dignidade em que hão-de falar-vos tanto  
não é senão essa alegria que vem  
de estar-se vivo e sabendo que nenhuma vez  
alguém está menos vivo ou sofre ou morre  
para que um só de vós resista um pouco mais  
à morte que é de todos e virá.  
(...)*

*Nenhum juízo final, meus filhos, pode dar-lhes  
aquele instante que não viveram, aquele objecto  
que não fruíram, aquele gesto de amor que fariam “ama-  
nhã”.  
(...)*

Nunca te esquecerei Guima. Ganhaste um lugar no meu peito. E o respeito de todos.

**Antônio Marques**